



22 DE ABRIL DE 2015

Quarta-feira

- SP RECUPERA PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DE VEÍCULOS
- ATIVIDADE FRACA E ALTA DOS JUROS DERRUBAM PRODUÇÃO DE MÁQUINAS E CAMINHÕES
- EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS CAI 18,7% NO PARANÁ
- RESULTADOS CORPORATIVOS PESAM NO DOW JONES, MAS NASDAQ SE APROXIMA DE RECORDE DE ALTA
- CONTINENTAL FORNECE PNEUS PARA SEDã VERSA
- MERCEDES-BENZ DEMITE 500 Jã AFASTADOS
- BRASIL RECOLHEU 22,9 MILHõES DE PNEUS NO TRIMESTRE
- JAGUAR REGISTRA QUEDA DE PRODUÇÃO
- AGÊNCIA FITCH REDUZ RATING DA USIMINAS
- MERCEDES DEVE AJUSTAR PRODUÇÃO EM JUIZ DE FORA
- BRASIL LIDERA RANKING DE EMPRESAS AMEAÇADAS DE REBAIXAMENTO PELA MOODY'S
- QUAIS MODALIDADES E EM QUE PROPORÇÃO DEVO INVESTIR MEU DINHEIRO?
- VOTAÇÃO SOBRE TERCEIRIZAÇÃO FAZ CRESCER PRESSÃO DE CENTRAIS E EMPRESARIADO
- A HYUNDAI NA CONTRAMÃO DO MERCADO
- AJUSTE FISCAL DEVE FICAR EM R\$ 60 BILHõES
- NISSAN DIZ QUE Sõ DEMITIRã NO PAÍS SE HOVER COLAPSO
- EMPRESA SUECA INVESTIRã MAIS R\$ 80 MILHõES NO PARANã
- PRODUÇÃO DE AÇO BRUTO NO BRASIL CAI 7,4% EM MARÇO; SOBE 0,7% NO 1º TRI

- SOROCABA RECEBE MILHÕES EM NOVOS INVESTIMENTOS
- MONTADORAS COM PRODUÇÃO ENXUTA ESCAPAM DA CRISE E INVESTEM
- INDÚSTRIA DE EQUIPAMENTOS FOI A QUE MAIS DEMITIU EM MARÇO, APONTA FIESP
- CNI PREVÊ QUEDA DE 1,2% NO PIB E ESTIMA RECUO DE 3,4% NA INDÚSTRIA EM 2015
- CUSTOS DA INDÚSTRIA EM 2014 FORAM PUXADOS POR GASTOS COM A PRODUÇÃO E CAPITAL DE GIRO
- CRÉDITO FICA MAIS CARO PARA GRANDE EMPRESA
- CAPITAL E TRABALHO SE UNEM PELA RECUPERAÇÃO DA INDÚSTRIA
- SP MANTÉM INCENTIVO À PRODUÇÃO DE MÁQUINAS RODOVIÁRIAS
- BALANÇA COMERCIAL DO PARANÁ ACUMULA DÉFICIT DE US\$ 211 MILHÕES
- HOJE, VOLVO PARA PRODUÇÃO POR DUAS SEMANAS EM CURITIBA
- ORÇAMENTO DE 2015 É PUBLICADO E GOVERNO PREPARA CORTE DE DESPESA
- SETORES DE MANUTENÇÃO E VENDA DE USADOS LUCRAM COM A CRISE EM CURITIBA
- SSAB DESENVOLVE NOVA MARCA DE AÇOS DE ALTA RESISTÊNCIA
- TERNIUM PODE VENDER 5,2 MI DE AÇÕES DA USIMINAS
- PICO DO AÇO NA CHINA NÃO VAI DERRUBAR A DEMANDA, DIZ WSA
- CONHEÇA OS MITOS E AS VERDADES SOBRE A TERCEIRIZAÇÃO

CÂMBIO		
EM 22/04/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,001	3,002
Euro	3,220	3,221

Fonte: BACEN

SP recupera participação na produção de veículos

22/04/2015 – Fonte: Usinagem Brasil

Nos anos 1990, o Estado de São Paulo respondia por mais de 70% da produção de veículos no Brasil. A instalação de montadoras no Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Goiás nos últimos 20 anos reduziram essa participação para 41,5% em 2012. Nos últimos anos, porém, a produção paulista tem recuperado alguns pontos percentuais.

De acordo com dados da Anfavea, a indústria automotiva paulista fabricou 1.437.256 veículos em 2014, o que representa 45,3% da produção nacional, com alta de 2,5% em relação à fatia que detinha em 2013.

Esse resultado, segundo levantamento da Investe SP, torna São Paulo o único entre os três principais estados produtores (SP, MG e PR) a aumentar sua participação consistentemente nos últimos três anos.

“Multinacionais instalaram ou expandiram operações em São Paulo e novas unidades industriais foram inauguradas, o que possibilitou a retomada do percentual de participação na produção nacional que o Estado apresentava no final da década passada”, comenta Juan Quirós, presidente da Investe São Paulo, agência de promoção de investimentos do Governo do Estado de São Paulo.

Quirós lembra que, desde a sua fundação em 2008, a Investe SP assessorou 22 projetos do setor automotivo no Estado, entre eles a Hyundai, em Piracicaba, e a Toyota, em Sorocaba. Só em 2014, cinco projetos desse segmento iniciaram suas operações, com destaque para a fábrica da Chery, em Jacareí, a ampliação da unidade de estamparia da Hyundai e o laboratório de motores da Toyota.

Em 2015, a Mercedes-Benz lançou a pedra fundamental de sua mais nova unidade industrial no Estado, em Iracemápolis, com previsão de início de produção em janeiro de 2016.

Ainda segundo a Investe SP, a chegada dessas montadoras ao interior de São Paulo tem atraído diversos fornecedores estrangeiros que complementam a cadeia produtiva do setor.

Só na relação de empresas que chegaram ao Brasil, atendidas pela Investe SP, constam onze atuando na fabricação de peças, motores e outros componentes da produção de veículos.

Atividade fraca e alta dos juros derrubam produção de máquinas e caminhões

22/04/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

A mudança de rumo na política econômica promovida pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, a baixa atividade econômica e as paralisações em grandes obras se refletem nos setores de caminhões e de máquinas agrícolas e rodoviárias.

Dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) apontam uma queda de 49% na produção de caminhões no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 2014. No segmento de máquinas, a queda foi de 22%.

O fim dos subsídios destinados ao BNDES fez com que empresários do transporte de cargas diminuíssem investimentos.

“Esse mercado se tornou extremamente dependente do crédito com taxas baixas do BNDES. Quando o banco não opera, o setor cai”, afirma Orlando Merluzzi, presidente da MA8 Management Consulting Group.

Em paralelo à restrição de crédito e ao aumento dos juros, Merluzzi aponta como fatores de pressão a redução da atividade econômica e a dificuldade de caixa das transportadoras. “Elas já acusaram a redução de demanda e rapidamente a frota ficou ociosa”, diz.

Folgas e férias

O recuo nas vendas de caminhões fez com que a Volvo, principal montadora de veículos pesados do Paraná, liberasse por duas semanas 1,5 mil trabalhadores, a partir do feriado de 21 de abril até o fim de semana após o feriado de 1.º de maio. Além disso, pelo menos 1,7 mil funcionários tiveram férias coletivas no mês passado.

De janeiro a março, a empresa vendeu 2.060 caminhões no mercado brasileiro, 54% menos que as 4.513 do início de 2014. Segundo o consultor Raphael Galante, da Oikonomia, as montadoras que mais sofrem são as que têm como foco caminhões semipesados e pesados, como a Volvo:

“A partir do momento em que os escândalos da Petrobras paralisaram as obras de grande porte, isso impactou diretamente na produção e venda de caminhões dessas montadoras”.

A outra fabricante de caminhões instalada no Paraná, a DAF, de Ponta Grossa, completou o primeiro ano de produção em outubro e ainda opera bem abaixo de sua capacidade. A unidade foi planejada para produzir até 10 mil unidades por ano. Mas, no primeiro trimestre, vendeu apenas 83 veículos no Brasil.

Retração no campo

A área de máquinas agrícolas também acusa os efeitos do mau momento econômico, aliado à queda de preço das commodities. A Case New Holland, instalada no Paraná, viu a venda de tratores de roda baixar 35% em comparação aos três primeiros meses de 2014. Em colheitadeiras, a queda foi de 31%.

Em janeiro, a empresa demitiu 270 trabalhadores de sua fábrica na Cidade Industrial de Curitiba (CIC). O objetivo, segundo a empresa, é acompanhar a demanda do mercado.

No Brasil, o segmento viu o mercado encolher 22% no primeiro trimestre do ano, segundo dados da Anfavea.

Além disso, as exportações de 2 mil unidades de janeiro a março de 2015 foram 27,8% menor que as 2,7 mil do começo do ano passado.

LADEIRA ABAIXO

As vendas e a produção de caminhões e máquinas agrícolas e rodoviárias têm forte queda neste ano, refletindo o fim dos subsídios ao BNDES e a economia fraca. Esse cenário afeta o Paraná, que abriga fábricas desses dois setores. Confira:



PARANÁ

O estado concentra fábricas de duas montadoras de caminhões (Volvo e DAF) e uma de máquinas (Case New Holland). Apenas a DAF, com sede em Ponta Grossa, comemora aumento nas vendas no 1º trimestre. Mas o volume vendido pela empresa ainda é modesto.



Vendas, em unidades	acumulado jan-mar	2014	2015	variação (%)
1 DAF		28	83	196
2 Volvo		4.513	2.060	-54
3 Case New Holland	Trator de roda	2997	1946	-35
	Colheitadeira	753	514	-32

Fonte: Anfavea. Infografia: Gazeta do Povo.

Emplacamento de veículos novos cai 18,7% no Paraná

22/04/2015 – Fonte: Gazeta do Povo

O fim da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e desaceleração da economia motivaram uma queda de 18,7% no emplacamento de veículos novos no Paraná nos três primeiros meses de 2015 na comparação com o mesmo período do ano passado.

Segundo o Departamento de Trânsito do Paraná (Detran), no primeiro trimestre de 2015 foram emplacados 66.481 veículos, contra 81.826 no ano anterior.

“Os índices estão relacionados diretamente com o fim do IPI reduzido, a crise econômica e as dificuldades na obtenção de crédito. Tivemos um período de alta nas vendas, mas o comércio diminuiu de forma considerável de 2013 para cá”, explica, em nota divulgada pela Agência Estadual de Notícias, o diretor-geral do Detran Paraná e presidente da Associação Nacional dos Detrans, Marcos Traad.

Dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) revelam que no acumulado do primeiro trimestre houve queda de 15% na venda de veículos, em geral, em todo o Brasil.

A maior queda foi no emplacamento de caminhões, ônibus e micro-ônibus: 36,1% na média nacional e 34,8% no Paraná. Automóveis e veículos comerciais leves tiveram redução de 16,2% nas vendas nacionais e 18,5%, no estado, enquanto o emplacamento de motos caiu 8,6% no Paraná e 10,52% em todo o Brasil.

As seis maiores frotas do Paraná apresentaram queda acentuada de novos emplacamentos nos três primeiros meses: Curitiba (-6,3%); Londrina (-36,8%); Maringá (-26,5%); Cascavel (-18,1%); Ponta Grossa (-21,9%); e São José dos Pinhais (-34,8%).

Quase metade dos primeiros emplacamentos registrados pelo Detran-PR em 2015, o equivalente a 31.418 veículos novos, foram feitos nos municípios que compõem a Grande Curitiba. A Região Norte do estado respondeu por 18,9% dos emplacamentos (12.602 veículos) e o Oeste com 9,9% (6.440 carros).

Atualmente, a frota paranaense soma 6.552.258 veículos.

Resultados corporativos pesam no Dow Jones, mas Nasdaq se aproxima de recorde de alta

22/04/2015 – Fonte: Reuters

Os principais índices das bolsas norte-americanas fecharam sem tendência comum nesta terça-feira, com o Dow recuando após resultados trimestrais pouco animadores, enquanto o Nasdaq fechou perto do recorde de alta após uma proposta de fusão na área de biotecnologia.

O índice Dow Jones caiu 0,47 por cento, a 17.949 pontos. O S&P 500 perdeu 0,15 por cento, a 2.097 pontos. O Nasdaq Composite subiu 0,39 por cento e fechou a 5.014 pontos, menos de 35 pontos de seu pico histórico, alcançado em março de 2000.

Travelers, DuPont e IBM pesaram no Dow Jones. A DuPont divulgou vendas mais baixas em todos os seus negócios e disse que um dólar forte vai pressionar seu lucro neste ano. A IBM também mencionou os efeitos do câmbio ao divulgar queda na receita na noite de segunda-feira.

A temporada de balanços corporativos do trimestre encerrado em março está em pleno andamento, com quase 73 por cento dos componentes do S&P 500 que divulgaram seus resultados até agora superando as expectativas de lucro, mas apenas 42,2 por cento superando expectativas de receita.

Os investidores se esforçam para avaliar o quanto o dólar forte prejudica as multinacionais norte-americanas, incluindo empresas de tecnologia como Facebook, Google, Qualcomm, Microsoft que vendem muitos de seus produtos e serviços no exterior e divulgam seus resultados nesta semana.

"Há vários itens díspares influenciando os resultados. Estamos perto de um pico? Será que estamos propensos a ficar estáveis ou poderia haver alguma queda?", disse Mark Foster, diretor de investimentos da Kirr Marbach, em Columbus, Indiana.

O dólar subiu quase 9 por cento desde o início do ano contra uma cesta das principais moedas, pressionando as empresas com grandes operações no exterior.

A farmacêutica Mylan subiu 8,85 por cento, a 74,07 dólares a ação, após a concorrente israelense Teva fazer uma oferta não solicitada de 82 dólares por ação, no que poderia ser a maior aquisição da indústria farmacêutica neste ano. A ação da Teva subiu 1,37 por cento.

Continental fornece pneus para sedã Versa

22/04/2015 – Fonte: Automotive Business

Os pneus ContiPowerContact vêm sendo utilizados com itens originais do Versa, carro produzido desde janeiro na fábrica da Nissan em Resende (RJ), a mesma que monta o March há um ano. O sedã recebe os Continental em duas medidas, 185/65R15 e 195/55R16.

Os pneus são produzidos na fábrica da Continental em Camaçari (BA). Segundo a indústria de pneus, o ContiPowerContact foi desenvolvido para o mercado latino-americano e incorpora tecnologias para redução de ruído e de consumo de combustível.

"Com este acordo a Continental dá sequência à estratégia de ampliar o fornecimento para os maiores fabricantes instalados no país", afirma o gerente regional de vendas de

equipamento original, Caio Marchi. Os testes de homologação ocorreram no México e nos Estados Unidos.

Mercedes-Benz demite 500 já afastados

22/04/2015 – Fonte: Automotive Business

A Mercedes-Benz informou no início da noite de sexta-feira, 17, que irá demitir 500 dos 750 empregados da fábrica de São Bernardo do Campo (SP) que já estavam afastados do trabalho há quase um ano.

Os desligados e demais funcionários da unidade poderão aderir ao plano de demissão voluntária (PDV) aberto no último 1º de abril e que vai até o próximo dia 27, para receber até nove salários além das verbas rescisórias a que têm direito.

“Diante de um cenário de ociosidade produtiva superior a 40% na fábrica de São Bernardo do Campo, a Mercedes-Benz precisa adotar novas medidas e soluções mais definitivas para continuar a gerenciar o significativo excedente de pessoas (na planta)”, descreve a nota oficial distribuída pela empresa.

No primeiro trimestre do ano a Mercedes registrou recuo de 40% em suas vendas domésticas de caminhões em comparação com o mesmo período de 2014, que já havia sido de baixa intensa. A segunda marca de caminhões mais vendida no País também perdeu 1,5 ponto porcentual de participação de mercado, descendo para 23,5%.

Já há quase dois anos a Mercedes tenta administrar o excedente de pessoal da fábrica no ABC paulista, estimado em 2 mil funcionários antes ainda do tombo maior do mercado. Em maio passado a empresa suspendeu temporariamente o contrato de trabalho de 750 trabalhadores da planta.

Por cinco meses esses empregados ficaram em regime de layoff com os salários bancados em parte pelo seguro-desemprego e outra parte pela própria empresa, que pagou a diferença salarial para preservar o valor total dos vencimentos.

Depois desse período foram concedidas férias coletivas e, desde novembro, foi concedida nova licença remunerada, que termina este mês – desta vez com 100% dos salários bancados pela Mercedes, pois o layoff tem duração máxima de cinco meses.

Com a persistência da retração do mercado e no limite das medidas possíveis, a Mercedes decidiu demitir 500 dos 750 funcionários afastados, que deverão ser desligados formalmente no próximo dia 4 de maio, mas só têm até o dia 27 de abril para aderir ao PDV e assim garantir mais nove salários, em média, o que representaria no total cerca de 20 de remuneração, contando desde o início do layoff, sem atividade de trabalho na fábrica.

Segundo informações, os 250 remanescentes do grupo em layoff estão enquadrados em alguma condição de estabilidade, como afastamento por ordem médica, por isso a empresa terá de promover outro tipo de negociação para o desligamento.

Brasil recolheu 22,9 milhões de pneus no trimestre

22/04/2015 – Fonte: Automotive Business

A pneus impróprios para circulação ou reforma, recolheu e deu novo destino no primeiro trimestre a 114,5 mil toneladas de pneumáticos. A quantidade equivale a 22,9 milhões de pneus de carros de passeio.

“Prevemos investir 5% a mais que no ano passado, atingindo R\$ 105 milhões em 2015”, afirma Alberto Mayer, presidente da Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos (Anip) e da Reciclanip. Com o investimento os fabricantes vão superar a meta definida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Desde 1999, quando começou o trabalho, a Anip recolheu o equivalente a 623 milhões de pneus de passeio. Segundo a entidade, os fabricantes instalados no Brasil investiram R\$ 724 milhões no programa.

“Esperamos que os importadores independentes também cumpram sua meta, o que não ocorreu nos anos anteriores e criou um passivo ambiental superior a 150 mil toneladas não recolhidas por eles”, diz Mayer.

O executivo recorda que a melhor forma de evitar o problema, que cria uma competição desleal, seria a criação de uma taxa cobrada na primeira venda de qualquer pneu, importado ou produzido no Brasil, dividindo assim o custo da operação de coleta e destinação por toda a cadeia.

“Essa é a forma adotada na Europa e que entre nós está prevista nos acordos setoriais”, explica Mayer. Os recursos da Reciclanip são utilizados principalmente para os gastos logísticos, que hoje representam mais de 60%. O restante é utilizado para os custos operacionais.

Os pneus recolhidos se transformam em combustível alternativo para as indústrias de cimento, em solados de sapato, borrachas de vedação, dutos pluviais, pisos, pavimentação e tapetes.

DESTINAÇÃO DOS PNEUS EM 2014

Combustível – 69,7%;

Material granulado – 17,8% (aproveitado em pisos e gramados, produção de artefatos de borracha, asfalto-borracha e construção civil);

Material laminado – 6,0%;

Aço recuperado – 6,5%.

Jaguar registra queda de produção

22/04/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A Jaguar Mining, mineradora canadense com operações em Minas Gerais, registrou queda de 9% na produção de ouro no primeiro trimestre na comparação com o mesmo intervalo do ano passado. Por outro lado, as vendas ficaram estagnadas no período. O relatório de produção foi divulgado na segunda-feira pela companhia.

Entre janeiro e março o volume produzido pela empresa atingiu 21.336 onças. Nos três primeiros meses de 2014, o resultado alcançou 23.359 onças.

O desempenho da mineradora foi impactado pela queda de 20% na produção do complexo de Caeté (RMBH), na mesma base de comparação. Foram produzidas 9.540 onças na unidade, contra 11.985 onças nos três primeiros meses do exercício passado.

Já no complexo Turmalina, instalado em Conceição do Pará, na região Centro-Oeste do Estado, o total produzido passou de 11.374 onças para 11.796 onças. Isso representa elevação de 4% no período.

Conforme o documento, foram processados 226 mil toneladas de minério entre janeiro e

março, representando queda de 16% na comparação com os três primeiros meses de 2014, quando totalizou 268 mil toneladas.

Teor - Por outro lado, a companhia registrou um aumento no teor de ouro nos minérios processados. Entre janeiro e março o índice atingiu 3,2 gramas por toneladas, contra 2,9 gramas por toneladas no primeiro trimestre do ano passado.

"O nosso foco é elevar ainda mais o teor de ouro e minimizar os custos de produção", afirma, em nota, o *chief executive officer* (CEO) da Jaguar Mining, George Blee. Conforme ele, com as atividades suspensas nas áreas de baixo teor em Turmalina foi realizada uma menor diluição do minério no primeiro trimestre, em relação ao mesmo intervalo do ano passado.

Além disso, depois de a companhia ter suspenso o desenvolvimento secundário da mina Pilar, no complexo de Caeté, um menor volume de material de baixa qualidade é processado. Isto resultou na melhora do teor médio. "A expectativa é que ambas as iniciativas reduzam os nossos custos operacionais de caixa em 2015", afirma.

Com o desempenho registrado no primeiro trimestre, a companhia manteve o *guidance* de produção de ouro em 2015 entre 92 mil onças e 102 mil onças. No ano passado, o volume produzido alcançou 92.057 onças.

Comércio - As vendas da mineradora somaram 224.227 onças de ouro no acumulado do ano até março. O volume é 0,1% superior ao registrado no primeiro trimestre do exercício passado, quando somou 24.181 onças.

A empresa encerrou o trimestre com um caixa de US\$ 10,258 milhões. O montante é 46% superior ao registrado no mesmo intervalo de 2014, quando totalizou US\$ 7 milhões, de acordo com o relatório.

Agência Fitch reduz rating da Usiminas

22/04/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A queda da demanda interna por aço, as exportações limitadas, a redução do preço do minério de ferro e os conflitos internos de gestão da empresa já refletem negativamente nos negócios da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S/A (Usiminas).

Na segunda-feira, a agência internacional de classificação de risco Fitch rebaixou o *rating* da siderúrgica de BB+ para BB, com perspectiva estável.

Conforme a agência, o corte na nota da empresa leva em conta a expectativa de que a demanda por aço continue fraca no Brasil e de que o lucro da Usiminas na exportação de aço seja limitada. "Isso vai impactar negativamente o perfil financeiro da empresa a médio prazo", diz o relatório da Fitch. A decisão sobre a empresa tem impactos sobre o restante da cadeia da siderurgia.

A Fitch também afirma que o excesso de oferta de minério de ferro no mercado pode tornar esse segmento dos negócios da empresa "não lucrativo" e que os conflitos no Conselho de Administração da empresa "continuam a afetar o foco estratégico e o processo de tomada de decisões da Usiminas".

Para o analista independente, especialista em mineração e siderurgia, Pedro Galdi, o rebaixamento do *rating* da Usiminas está coerente com a realidade do setor no País. "Não é uma surpresa e nem poderia ser diferente diante do cenário atual do mercado siderúrgico. Não há perspectivas de crescimento da demanda interna por aço e as

incertezas causadas pela briga interna dos gestores da empresa também geram muitos impactos negativos", avalia Galdi.

A disputa entre as duas maiores acionistas da Usiminas - a ítalo-argentina Ternium e a japonesa Nippon Steel - se tornou pública em setembro do ano passado, quando a destituição de três diretores da companhia, incluindo o então presidente Julián Eguren, foi anunciada.

Para a demissão, a Nippon alegou que os executivos receberam bônus considerados irregulares. A Ternium, por sua vez, aponta que a remuneração consta na política de remuneração de expatriados da companhia. Com o impasse, a Ternium acionou a companhia japonesa, em ação que corre no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG).

Mercedes deve ajustar produção em Juiz de Fora

22/04/2015 – Fonte: Diário do Comércio

A possibilidade é grande de os cerca de 100 trabalhadores da planta da Mercedes-Benz, em Juiz de Fora (Zona da Mata), não retornarem ao trabalho daqui a uma semana, após o fim do *lay-off* (suspensão de contratos) que começou em outubro do ano passado. A informação é do diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do município Fernando Rocha.

Segundo ele, a montadora pode adotar novas medidas de "ajustes" na produção, que inclui a manutenção desses funcionários em casa devido à queda no mercado nacional de caminhões.

"Tínhamos uma reunião marcada nessa semana, mas a direção cancelou e ainda não nos procurou com uma nova data. Com certeza estamos apreensivos com essa situação", afirmou.

Para o sindicalista, apesar das incertezas que rondam a empresa, os trabalhadores permanecem tranquilos em função de um acordo assinado com a direção da empresa que mantém os empregos da unidade em Juiz de Fora até a mudança da produção do modelo Accelo para a unidade de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, a partir de 2016.

"Se a empresa não cumprir pode pagar multa de R\$ 5.500 por trabalhador dispensado, acrescido do salário do funcionário", explicou. Procurada pela reportagem, a assessoria da Mercedes informou, em nota, que os trabalhadores em *lay-off* retomarão os postos de trabalho no próximo dia 30, mas reconheceu que "assim como praticamente todas as indústrias do setor automotivo, a fábrica de Juiz de Fora também está adequando a sua produção à queda nas vendas de caminhões no mercado brasileiro".

Fornecedoras - A crise no setor automotivo brasileiro, em especial no mercado de caminhões, também está afetando as fornecedoras da montadora juiz-forana. As demissões aumentaram e algumas, inclusive, já fecharam as portas. O caso da Fastplas Automotive, que fornece peças plásticas à Mercedes.

A empresa encerrou suas atividades recentemente e demitiu todos os cerca de 50 funcionários. Outra empresa que também fechou as portas no município foi a Imap Embalagens Plásticas, que já vinha reduzindo o quadro de funcionários desde o ano passado e recentemente mandou para rua os 35 restantes.

Assim como elas, em setembro do ano passado, a Randon, responsável pelo fornecimento e montagem de subsistemas e componentes dos veículos da montadora alemã, encerrou suas atividades no município e dispensou 22 funcionários.

Na época, a empresa alegou que "a decisão se deu em vista de que a parceria não estava mais sendo vantajosa" e foi fruto de comum acordo entre montadora e empresa, em virtude da redução das vantagens do contrato, provocada pela retração vivida pelo setor de caminhões.

Brasil lidera ranking de empresas ameaçadas de rebaixamento pela Moody's

22/04/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

O número de companhias brasileiras com risco de perderem o selo de bom pagador – o chamado grau de investimento – da agência de classificação de risco Moody's mais que dobrou no primeiro trimestre, em relação aos últimos três meses de 2014.

As notas dadas pelas agências de avaliação de riscos são usadas para balizar as decisões de investidores.

Entraram na relação de "potenciais anjos caídos", nome dado pela agência às companhias Baa3 (última nota antes do grau especulativo) com perspectiva negativa ou em revisão para rebaixamento, cinco empresas: AES Tietê, Bandeirante Energia, Espírito Santo Centrais Elétricas, Energest (do setor elétrico) e a construtora Odebrecht.

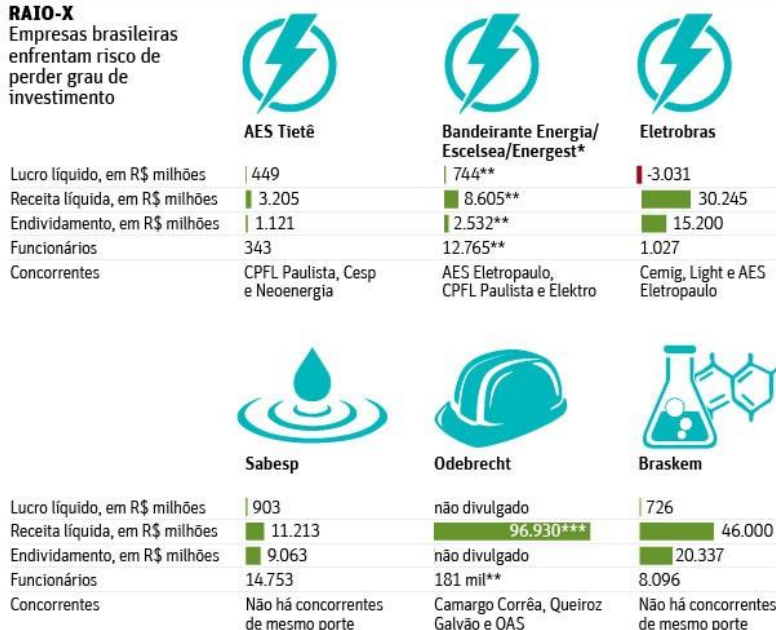
Em dezembro, eram Braskem, Eletrobras e Sabesp (a lista considera apenas companhias não financeiras). Agora, o Brasil ocupa a primeira posição na lista, ao lado dos Estados Unidos, também com oito empresas.

"Os principais fatores para o aumento do número de empresas no Brasil foram as pressões macroeconômicas e mudanças regulatórias, que resultaram em um ambiente de negócios mais desafiador", diz o relatório.

No caso da Odebrecht, a Moody's afirma que a empresa foi prejudicada também pela deterioração dos fundamentos do setor de engenharia e construção promovida pelos escândalos de corrupção na Petrobras.

RAIO-X

Empresas brasileiras enfrentam risco de perder grau de investimento



Fontes: Empresas

*Fazem parte do grupo EDP

**no grupo

***Receita bruta em 2013

A piora do cenário brasileiro fez com que a América Latina se tornasse a região com o maior número de empresas na lista de "potenciais anjos caídos", com 34% do total. Em seguida, vem a América do Norte, com 31%. "É bastante significativo que a América

Latina seja primeira da lista, porque o mercado de emissores na região é muito menor do que na América do Norte", disse o vice-presidente da Moody's Mark Stodden.

"Isso pode dificultar o acesso ao capital na região, especialmente estrangeiro, e a falta de investimento pode prejudicar ainda mais o crescimento econômico."

REBAIXADAS

No primeiro trimestre, a agência de classificação de risco rebaixou a nota de dez empresas brasileiras –nem todas, no entanto, perderam o grau de investimento. Entre elas estão a Petrobras, as construtoras Andrade Gutierrez e Mendes Júnior e a Mega Energia.

"Suspeitas de corrupção e a conseqüente redução de liquidez relacionadas à Operação Lava Jato foram diretamente ou indiretamente responsáveis por cinco rebaixamentos", diz a Moody's.

A agência cita ainda a redução nos preços das commodities, a piora da economia, o aumento da inflação, a desvalorização do real e o risco de racionamento de água e energia como outros fatores que prejudicaram a nota de crédito das companhias brasileiras.

"Saga da Petrobras" continua mesmo com balanço, diz agência Moody's.

Quais modalidades e em que proporção devo investir meu dinheiro?

22/04/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Sabemos que dificilmente há uma aplicação que possui todos os fatores positivos, ou seja: segurança, rentabilidade e boa liquidez. A decisão sobre onde e quanto investir passa pela análise desses fatores, somada aos objetivos financeiros do investidor e do prazo desejado por ele para alcançar suas metas.

E é exatamente essa a pergunta do nosso leitor WT. Vamos a ela:

"Até o momento, pretendo investir meu dinheiro em 50% no Tesouro Direto e 50% em CDB (Certificado de Depósito Bancário), LCI (Letra de Crédito Imobiliário), LCA (Letra de Crédito do Agronegócio), letra de câmbio. Para um perfil de baixo risco, estou no caminho certo e nas proporções mais corretas?

Alguns bancos tentaram me convencer a fazer uma aplicação de previdência privada como a melhor alternativa de investimento. Me deu a impressão de que o gerente estava pensando: 'preciso bater minha meta e você vai me ajudar'. Previdência privada seria a melhor opção do que as citadas acima?

Visitei vários bancos para investir em CDB, LCI, LCA e letra de câmbio. Sei que as melhores taxas são ofertadas em bancos médios, e o risco é blindado pelo FGC (Fundo Garantidor de Créditos). Quais são os bancos de médio porte por onde posso investir? Você aconselha algum em especial?

Devo tomar cuidado com alguma armadilha neste mercado, como taxas abusivas, informações falsas, etc? O que você me aconselha?"

Entendo que a sua combinação de carteira é realmente bem interessante. Como você comentou que tem um perfil de baixo risco, a combinação –metade do dinheiro investido

no Tesouro e o restante em CDB, LCI, LCA, LC- pode proporcionar um bom retorno financeiro, com um risco relativamente baixo. Boa escolha!

Sua preocupação com a melhor modalidade de investimento e também com a credibilidade da indicação que foi dada é muito importante. A previdência privada costuma não compensar quando as taxas de administração e carregamento são altas. Via de regra, o Tesouro e os CDBs/LCIs/LCAs são mais interessantes.

Já com relação à indicação sobre os melhores bancos médios para se fazer investimentos, por questões éticas, evitamos fazer esse tipo de indicação, mas sugerimos que veja o rating dos bancos, ou seja, analise com atenção a nota crédito.

Fique atento, pois mesmo com o FGC como garantia, o rating (capacidade e vontade de uma entidade honrar na íntegra os compromissos financeiros) sinaliza a chance de o FGC ser usado e gerar uma dor de cabeça para o investidor. Entendo que o FGC –apesar de ter pouco risco– não tem risco zero de quebra. Vale lembrar que, em 2008, muitas seguradoras sólidas quebraram por esse motivo.

Sempre devemos nos informar para saber se o produto que estamos comprando é adequado ao nosso perfil de investidor. Conhecendo o seu perfil (no seu caso, de baixo risco), você poderá escolher produtos mais alinhados às suas necessidades e verificar se sua carteira de investimentos está adequada aos seus objetivos. O banco precisa ser um parceiro nas suas escolhas e lhe oferecer opções de produtos para atendê-lo.

Votação sobre terceirização faz crescer pressão de centrais e empresariado

22/04/2015 – Fonte: Folha de S. Paulo

Para enfrentar a votação das emendas feitas ao projeto que regula e amplia a terceirização nas empresas, centrais contrárias ao projeto fazem, nesta quarta-feira (22), protestos em frente à Câmara e na chegada de congressistas ao aeroporto de Brasília, enquanto empresários optam pela pressão "corpo a corpo" no Congresso.

A expectativa da Fiesp, federação das indústrias paulistas, é que os deputados repitam o placar do dia 8, quando o texto principal do projeto de lei 4.330 foi aprovado por 324 votos e 137 contra.

"São quase 1 milhão de empresas prestadoras de serviços, que geram milhões de empregos formais. A falta de regulamentação traz riscos para as empresas que terceirizam e aos trabalhadores em situação mais frágil em relação ao recebimento de salários e direitos", diz Paulo Skaf, presidente da Fiesp.

Ao determinar que a empresa contratante fiscalize se a terceirizada está de fato recolhendo os direitos, os terceirizados ganham proteção, segundo o empresário.

"Só tem resistência ao projeto as centrais que estão preocupadas com a representação e arrecadação sindical. A CUT não quer perder a representação para outras entidades sindicais que poderiam representar os trabalhadores terceirizados", disse Skaf. O PL não dá garantias de que a representação sindical será vinculada à atividade final –como ocorre hoje.

A CUT entende que a questão mais polêmica do projeto é a extensão da terceirização para atividades consideradas essenciais. "Por que razão se troca funcionários diretamente contratados por outra empresa? Somente para baratear custos, ao se substituir uma mão de obra com mais proteção social e garantias por uma sem a mesma proteção", diz Vagner Freitas, presidente da central.

"A CUT não está preocupada com a questão financeira. O que está por trás disso é uma tentativa de enfraquecer os sindicatos que enfrentam o empresariado. Sai o sindicalismo que vai para a rua, e entra o outro sem expressão."

A Hyundai na contramão do mercado

22/04/2015 – Fonte: O Estado de S. Paulo



Enquanto a maioria das montadoras no País, especialmente as de maior porte, adota medidas para cortar a produção, como demissões, férias coletivas e lay-off (suspensão de contratos de trabalho), a Hyundai Motor do Brasil opera 24 horas em três turnos e, às vezes, chega a convocar trabalhadores para horas extras aos sábados.

Para este ano, a marca coreana pretende repetir o mesmo volume de produção atingido em 2014, de 180 mil veículos, ocupando assim toda a capacidade de sua fábrica em Piracicaba (SP).

O presidente da empresa, William Lee, ressalta que a participação da marca no mercado total passou de 6,6%, no primeiro trimestre do ano passado, para 7,5%, neste ano, com venda de 48,4 mil veículos, dos quais 37,2 mil são dos modelos da família HB20, feitos localmente, e os demais importados ou produzidos na parceria com o grupo Caoa, em Anápolis (GO).

"Apesar da crise, não reduzimos nossas ações no mercado e estamos oferecendo um produto que tem atraído consumidores por sua qualidade", afirma Lee. Na primeira quinzena do mês, o HB20 foi o modelo mais vendido no País.

Um diferencial na estratégia de vendas da Hyundai é oferecer o modelo com 30% de entrada na compra financiada, enquanto a maioria das demais marcas pede de 40% a 50%. "Estamos atraindo muitos pais que querem comprar o primeiro carro para os filhos", diz o executivo.

O coreano Lee, de 56 anos, assumiu o comando da empresa em janeiro de 2013 e vê a atual crise econômica como "mais saudável" do que aquelas verificadas em 1997 e 2008, que foram deflagradas por problemas externos.

"A pressão atual é interna, mas o Brasil tem uma base econômica forte e, com ajustes fiscais, deverá voltar a se recuperar do próximo ano".

Novo veículo. O executivo espera uma recuperação mais sustentável da economia para começar a avaliar planos de um novo produto para a fábrica de Piracicaba - que pode ser um utilitário-esportivo pequeno ou um automóvel de médio porte.

Também depende dessa retomada a decisão de produzir localmente motores e transmissões, atualmente importados da Coreia. "É um passo a ser dado quando tivermos indicadores que justifiquem o aumento da produção", afirma Lee.

Por enquanto, diz ele, a intenção é manter o investimento de US\$ 700 milhões feito para a construção da fábrica, inaugurada no fim de 2012. O Brasil é o sétimo país a receber uma fábrica do grupo coreano.

Exportar para países da América Latina também está nos planos de Lee, mas, segundo ele, não depende apenas da questão cambial, "mas de uma demanda consistente por parte de mercados compradores, como Argentina e México."

A fábrica de Piracicaba emprega 2,7 mil funcionários e outras 2,3 mil pessoas trabalham no parque com nove fornecedores de componentes instalados ao redor da fábrica.

Logo no início de suas operações, a Hyundai enfrentou greve de um dia de trabalhadores que reivindicavam aumento salarial. "Negociamos com o sindicato, passamos a entender melhor a cultura e as necessidades dos brasileiros e, desde então, não tivemos nem um segundo de paralisação", informa Lee.

O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Piracicaba, Wagner da Silveira, afirma que os salários do pessoal "de chão de fábrica" giram em torno de R\$ 2,5 mil a R\$ 2,7 mil. "De fato, no início tivemos problemas com a direção da Hyundai, mas isso mudou", afirma.

Para uma melhor relação com o sindicato e trabalhadores - com quem mantém contatos semanais por meio de um programa denominado "mesa redonda" -, Lee fez aulas de português uma hora por dia quando chegou ao País e hoje, em razão da falta de tempo, desenvolveu uma metodologia própria.

Ele grava grupos de mil palavras em inglês com tradução em português e ouve durante seus trajetos entre a capital paulista, onde mora, à fábrica e até quando está escovando os dentes.

Ajuste fiscal deve ficar em R\$ 60 bilhões

22/04/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

O número hoje mais forte para o corte das despesas do Orçamento da União é de R\$ 60 bilhões. O corte definitivo só será anunciado em meados de maio, mas já há um entendimento na área econômica do governo de que dificilmente será possível fazer um contingenciamento maior das despesas, na faixa entre R\$ 70 bilhões e R\$ 80 bilhões, como chegou a circular em Brasília e no mercado financeiro.

Fontes informaram ao Broadcast, serviço em tempo real da Agência Estado, que a percepção do próprio ministro da Fazenda, Joaquim Levy, é de que "não é possível muito mais". O Ministério da Fazenda conta um reforço adicional de R\$ 30 bilhões em receitas adicionais.

O reforço nas receitas virá de diversas fontes, como os leilões da área de seguridade da Caixa Econômica Federal, da folha de servidores da União e de outorgas de trechos de ferrovias já concluídas ou em fase final de conclusão.

O governo também conta com receita adicional proveniente da elevação da carga tributária, como o alta da PIS e Cofins incidente nas receitas financeiras - medida já divulgada, com arrecadação.

Outros aumentos estão em estudo e poderão ser anunciados em breve pelo Ministério da Fazenda. Na mira, estão as instituições financeiras que poderão ter elevada a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).

Com o corte definitivo e as receitas adicionais, o governo avalia ser possível garantir a meta fiscal de superávit primário de R\$ 55,3 bilhões prevista para o governo federal em 2015.

O superávit primário é a economia que o governo faz para pagar os gastos com os juros da dívida pública. Um esforço fiscal de R\$ 11 bilhões é esperado para os Estados e municípios para garantir a meta fiscal do setor público de R\$ 66,3 bilhões, de 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB), prometida pela equipe econômica.

Na discussão da Junta Orçamentária para a definição da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2016, o ministro Levy conseguiu manter a meta fiscal de 1,2% para 2015 e de 2% para o ano que vem.

Havia dentro do governo pressão para a redução das metas. "As metas estão firmes e fortes", disse uma fonte da área econômica.

Tampão. O governo vai editar um decreto tampão de contingenciamento das despesas até que o corte definitivo seja anunciado. O novo corte provisório está em linha com o decreto publicado em janeiro que limitou a 1/18 (um dezoito avos) o valor dos gastos mensais do total previsto no Orçamento de 2015.

O decreto temporário é necessário porque, depois de a Lei Orçamentária ter sido sancionada pela presidente Dilma Rousseff, os empenhos de despesas estão liberados, deixando de valer o decreto anterior.

Após a sanção do Orçamento pela presidente, o governo tem 30 dias corridos para publicar o decreto de contingenciamento definitivo.

O relator do orçamento de 2015, senador Romero Jucá (PMDB-RR), afirmou que é favorável à decisão do governo de editar um decreto tampão em que segura os gastos do Executivo até o contingenciamento previsto para maio.

"É natural que o governo se previna para cortar gastos e conter custos com o decreto. É salutar que o governo faça isso", disse o peemedebista.

Nissan diz que só demitirá no País se houver colapso

22/04/2015 – Fonte: Infomoney

Na contramão da indústria automobilística, o presidente da Nissan no País, François Dossa, aposta em crescimento em 2015. Embora espere uma retração de 4% no mercado - ante uma previsão da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) de recuo de até 13% -, ele aposta em dobrar a produção na unidade de Resende, no Vale do Paraíba do Rio, que completou nesta quinta-feira, 16, um ano de inauguração. Diante da meta, o executivo rechaça diminuir investimentos e avalia que só um "colapso" na economia levaria a demissões.

"Tenho 99% de certeza que não demitiremos ninguém entre os 1.800 empregados. Temos metas para este ano e para chegar à capacidade total da fábrica, de 200 mil carros, nos próximos dois anos. O 1% (de incerteza) é o Brasil entrar em colapso, sair de uma venda anual de 3 milhões de veículos para menos de 1 milhão. E isso não vai acontecer", afirmou Dossa.

Empresa sueca investirá mais R\$ 80 milhões no Paraná

22/04/2015 – Fonte: CIMM

A empresa sueca Leax anunciou nesta terça-feira (14) um investimento de R\$ 80 milhões na ampliação da fábrica de peças automotivas em Araucária, na região metropolitana de Curitiba.

O anúncio foi feito pelo presidente da multinacional, Roger Berggren, durante reunião com o governador Beto Richa, o secretário do Planejamento, Silvio Barros, e o prefeito de Araucária, Olizandro Ferreira.

A ampliação irá criar 80 novos empregos na região e o prazo para a finalização das obras é junho de 2016. A unidade de fabricação de autopeças da Leax em Araucária recebeu investimento de R\$ 30 milhões e começou a funcionar em março de 2012.

O governador Beto Richa afirmou que o diálogo com o setor produtivo, a boa infraestrutura e a mão de obra qualificada são alguns dos fatores que contribuem para a atração de investimentos no Estado. Segundo ele, essas razões fazem com que empresas multinacionais, como a Leax, quando querem trazer seus investimentos para o Brasil, escolham o Paraná.

O presidente do Grupo Leax, Roger Berggren, é membro do Conselho da Associação Escandinava de Fornecedores de Autopeças (FKG) e afirmou que outras empresas suecas do mesmo setor têm demonstrado interesse em trazer investimentos para o Paraná.

"Nós temos uma experiência muito boa com a nossa fábrica em Araucária e estamos passando isso para outras empresas suecas".

No encontro, Berggren ressaltou que a empresa tem o apoio do governo do Estado desde o início da instalação da fábrica. "Espero que possamos continuar contando com o Governo do Paraná nessa expansão", disse ele.

O secretário Silvio Barros ressaltou a importância do novo investimento da Leax para Araucária e o Paraná. "O governo estadual dá apoio integral a empreendimentos como esse, pois o reflexo do investimento se dá não só na criação de mais empregos, mas também em mais negócios e mais receitas para o poder público atender a população", afirmou Barros.

O Grupo Leax possui 11 fábricas, em oito países. Em março de 2012, a empresa inaugurou sua primeira fábrica no Brasil, localizada em Araucária no Paraná.

Produção de aço bruto no Brasil cai 7,4% em março; sobe 0,7% no 1º tri

22/04/2015 – Fonte: CIMM

A produção brasileira de aço bruto em março somou 2,768 milhões de toneladas, queda de 7,4 por cento sobre o mesmo mês do ano passado, informou nesta sexta-feira o Instituto Aço Brasil (IABr). No primeiro trimestre, a produção subiu 0,7 por cento sobre o mesmo período de 2014, para 8,4 milhões de toneladas.

As vendas de aço no mercado interno em março foram de 1,933 milhão de toneladas, alta de 1,3 por cento na comparação anual. Já as vendas acumuladas em 2015 somaram 5,2 milhões de toneladas, queda de 5,3 por cento sobre o mesmo período do ano anterior.

As exportações até março totalizaram 2,8 milhões de toneladas e 1,8 bilhão de dólares, crescimento de 39,5 por cento em volume e aumento de 21,6 por cento em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

Houve 995 mil de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, alta de 13,5 por cento em relação ao mesmo período de 2014, sendo a maior parte laminados, diferentemente das exportações, disse o instituto.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em março foi de 2,2 milhões de toneladas, totalizando 6,1 milhões de toneladas no período de janeiro a março. Os valores representaram alta de 0,5 por cento e queda de 2,7 por cento, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

A entidade espera que o consumo aparente de aço no Brasil deve fechar 2015 com queda de 7,8 por cento em relação a 2014, atingindo 22,7 milhões de toneladas, patamar próximo ao registrado em 2007.

Sorocaba recebe milhões em novos investimentos

22/04/2015 – Fonte: CIMM

O prefeito Antonio Carlos Pannunzio recebeu, na tarde desta terça-feira (14), representantes de seis empresas que anunciaram a chegada a Sorocaba ou aumentos na capacidade fabril instalada na cidade. Empresas como Toyota e Pepsico já operam na cidade, enquanto que Exco Technologies Ltda, Mettalica Caldeiraria, Carmar Oil e Grupo VMF chegam à cidade com novos investimentos.

Pannunzio agradeceu a presença dos empresários ressaltando o momento crítico pelo qual passa a economia brasileira, mas que o parque industrial bastante diversificado de Sorocaba faz com que a cidade continue a ser diferenciada. "Graças a essa diversidade industrial temos um ponto positivo.

Se um setor não vai bem, outros setores em alta acabam equilibrando e ajudando a cidade a manter os postos de trabalho. Agradeço a vocês por confiarem em Sorocaba e dou as boas-vindas às empresas que estão chegando", afirmou o prefeito.

Montadoras com produção enxuta escapam da crise e investem

22/04/2015 – Fonte: CIMM

Em meio a interrupções de produção e queda nas vendas, um grupo de montadoras segue menos sensível à crise. Em comum, focaram investimentos em operações mais enxutas com produção local e bens de maior valor.

As japonesas Toyota e Honda, por exemplo, não só resistiram ao encolhimento do mercado como conseguiram registrar crescimento no primeiro trimestre de 2015. A primeira opera em capacidade máxima, mas sem excedentes. Na fábrica de Indaiatuba (a 98 km de São Paulo), foram produzidos 77 mil sedãs Corolla em 2014.

A Honda evita falar em metas, mas pratica estratégia similar. A empresa utiliza a receita gerada em suas operações nacionais nos novos investimentos, evitando recorrer a empréstimos ou à matriz. "Preferimos manter um ritmo mais comedido. Não vendemos

tanto quanto poderíamos, mas também não temos que cortar excedentes", diz uma fonte ligada à marca.

Tais estratégias comerciais só são possíveis devido à reputação construída pelas marcas japonesas no Brasil. Seus produtos têm fama de duráveis, o que permite um posicionamento de preço acima da média de seus segmentos de atuação.

Com lucro maior por unidade vendida, é possível sustentar o negócio sem depender de volumes vultosos de vendas, como as empresas que estão voltadas para a produção de veículos populares.

Essa lógica também é aplicada, em escala ainda menor, pelas marcas premium que estão instalando novas fábricas no Brasil.

"O segmento premium cresce mais que os outros. Acredito que o Brasil será um grande mercado, por isso estamos investindo nele", disse Luca di Meo, membro do conselho administrativo da Audi.

A empresa alemã, que bateu recorde de vendas em 2014, volta a produzir no país em setembro, na fábrica do grupo VW em São José dos Pinhais (PR). Hoje pratica uma agressiva estratégia de vendas, para atrair novos clientes. Formas de financiamento facilitado e campanhas sazonais de desconto estão entre as principais ações.

A BMW seguiu caminho similar, e já produz carros em Araquari (SC). A Mercedes-Benz fará o mesmo a partir de 2016, em Iracemápolis (a 157 km de São Paulo). Todas planejam volumes modestos –20 mil unidades/ano.

Das empresas que atuam no segmento de entrada, a mais ambiciosa no momento é a Nissan. "Enquanto o mercado em geral espera cair entre 10% e 15%, nós planejamos crescimento de dois dígitos para este ano", prevê Ronaldo Znidarsis, vice-presidente de Vendas e Marketing da fabricante japonesa.

O otimismo se deve à fábrica de Resende (RJ), que nacionalizou carros antes produzidos no México. Embora o foco esteja em modelos de entrada (March e Versa), o raciocínio é o mesmo das marcas de menor volume: adequar-se à demanda de momento, sem excedentes de produção e com foco no mercado nacional.

Indústria de equipamentos foi a que mais demitiu em março, aponta Fiesp

22/04/2015 – Fonte: CIMM

A indústria de máquinas e equipamentos foi a que mais demitiu em março, segundo a Pesquisa de Nível de Emprego do Estado de São Paulo calculado pelo Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (Depecon) da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), divulgada nesta quinta-feira (16).

No total, foram fechadas 7.380 vagas em todo o Estado. "É um setor totalmente ligado a investimento, que, por sua vez, é uma crença no futuro e essa crença está muito débil atualmente", justifica o diretor do Depecon, Paulo Francini. "É necessário ganhar um novo espírito com relação ao futuro", diz o executivo.

No mês passado, as demissões na indústria chegaram a 18.423, mas uma pequena parte da cifra foi anulada pela contratação de 1.423 trabalhadores pelo setor de açúcar e álcool. Com isso, na média, a indústria dispensou cerca de 17 mil trabalhadores, o que fez com que a taxa de emprego caísse 0,69% em março ante fevereiro, com ajuste sazonal.

Apesar de contratar, o setor sucroalcooleiro sinalizou um arrefecimento no mercado trabalhado se comparado com anos anteriores. "Em 2014, por exemplo, foram admitidos por usinas 8,6 mil trabalhadores", informou Francini.

No acumulado do ano, de janeiro a março, o emprego industrial já caiu 0,93%, na leitura sem ajuste sazonal. Este é o pior resultado da série histórica da pesquisa, com exceção dos resultados de 2009, quando o mercado de trabalho encolheu 2,34% durante o mesmo período.

De acordo com projeção de Francini, o mercado de trabalho na indústria paulista deverá recuar 5% em 2015

CNI prevê queda de 1,2% no PIB e estima recuo de 3,4% na indústria em 2015

22/04/2015 – Fonte: Agência CNI

O quadro econômico em desaceleração levou a [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)](#) a rever a previsão de desempenho da economia em 2015. O relatório trimestral Informe Conjuntural, divulgado nesta terça-feira (14), prevê redução de 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB) do país e de 3,4% no PIB da indústria em 2015.

A retração setorial será puxada pelas quedas de 4,4% na indústria de transformação, 5,5% na construção civil e 2,8% nos Serviços Industriais de Utilidade Pública, que inclui a produção e distribuição de energia elétrica e a captação, tratamento e distribuição de água, entre outros.

A queda do PIB industrial aliada ao recuo de 0,6% no consumo das famílias contribuirá para uma retração de 0,4% no setor de serviços, cuja última queda ocorreu há mais de 20 anos. A agropecuária será o único segmento a registrar alta no ano, de apenas 0,5%. O fraco desempenho da economia fez com que a CNI revisse a taxa média de desemprego para 6,7%.

De acordo com a CNI, embora necessário, o ajuste econômico que começa a ser implementado pelo governo vai agravar o quadro no curto prazo em função da redução do gasto público, aumento de tributação, aperto monetário e reajuste de tarifas como a de energia elétrica e dos combustíveis.

"A demora em iniciar o ajuste tornou seu custo muito maior", destaca o Informe Conjuntural. Conforme o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, a retomada do crescimento requer esforço além dos ajustes macroeconômicos e da consolidação fiscal. "Precisamos de uma agenda positiva para promover a competitividade, que servirá como um mapa de retorno ao crescimento", afirma.

Além disso, aponta o documento, o enfraquecimento da coalizão governamental no Congresso Nacional dificulta a aprovação das medidas estruturantes necessárias para a construção de um ambiente econômico melhor.

O Informe Conjuntural sinaliza que o superávit primário do setor público será de R\$ 66,3 bilhões, que representará 1,13% do PIB de 2015, suficiente para cumprir a meta estipulada pelo Governo.

O documento assinala ainda que o ambiente de incertezas e questões relacionadas às investigações de corrupção, que afetam a Petrobras e outras grandes empresas, inibirão o investimento em 2015.

Outro fator que contribuirá para o recuo dos investimentos – cuja queda deve ser de 6,2% no ano – é o aumento da taxa básica de juros, que deve chegar a 13,5% no fim do ano, segundo estimativa da CNI.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS – O ajuste nos preços administrados – aumento do custo da energia elétrica e do transporte público e a elevação do PIS/Cofins sobre os preços de gasolina e óleo diesel – somado à desvalorização significativa do real frente ao dólar, foram fatores determinantes na condução da inflação para níveis acima do limite superior da meta (6,5%) nos três primeiros meses do ano.

Conforme estimativa da CNI, a evolução dos preços deverá se manter acima do teto da meta ao longo do ano e deve atingir 8,1%, em dezembro.

O início do ano também é marcado por forte volatilidade cambial. Embora a valorização do dólar esteja ocorrendo em todo o mundo, por causa do crescimento da economia americana e expectativas de aumento da taxa de juros desse país, o real foi a moeda com maior depreciação sobre o dólar. A estimativa é que a taxa média de câmbio no ano seja de R\$ 3,10.

"A volatilidade do câmbio não deverá ter impacto imediato nas exportações, já que essas decisões são de longo prazo. No entanto, deverá haver recuo nas importações ainda este ano", destaca Castelo Branco.

No setor externo, a CNI reestimou de US\$ 219,5 bilhões para US\$ 208 bilhões a perspectiva das exportações e de US\$ 212 bilhões para US\$ 207 bilhões. Com as novas previsões, a estimativa de saldo comercial para 2015 foi revista de US\$ 7,5 bilhões, em dezembro, para US\$ 1 bilhão.

Custos da indústria em 2014 foram puxados por gastos com a produção e capital de giro

22/04/2015 – Fonte: Agência CNI

Os custos com produção e capital de giro puxaram o crescimento de 5% dos gastos da indústria em 2014. Enquanto o custo com capital de giro aumentou 20,8%, as despesas com produção, que incluem energia, pessoal e bens intermediários, cresceram 6,3% no ano passado, informa o estudo trimestral Indicador de Custos Industriais, divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta sexta-feira (10).

Entre as despesas com produção, as de pessoal, com alta de 7,9%, e as de energia, com aumento de 12,6%, foram as mais expressivas no ano passado.

A elevação do gasto com energia ocorreu, sobretudo, pela expansão de 11,4% no valor desembolsado com energia elétrica e de 16,5% com óleo combustível.

Os bens intermediários, que também integram os custos com produção, tiveram aumento de 5,6%. Já os dispêndios com tributos caíram 0,8% em 2014.

O crescimento dos custos da indústria ficou abaixo da evolução dos preços dos produtos industriais, que aumentaram 6,1% no ano passado, o que resultou em uma aumento da margem de lucro das empresas no acumulado do ano.

Evolução custos industriais



Obs.: Base média de 2006 = 100

Fonte: CNI

A desvalorização do real, ainda que tenha aumentado os custos dos insumos importados, proporcionou um aumento da competitividade da indústria. Os preços em reais dos produtos manufaturados importados e nos Estados Unidos cresceram, respectivamente, 8,1% e 9,9%, acima dos custos industriais.

DESEMPENHO TRIMESTRAL - O Indicador de Custos Industriais cresceu 3% no quarto trimestre de 2014 em relação ao terceiro trimestre, descontados os efeitos sazonais. Essa alta foi puxada pelo aumento dos insumos importados (alta de 11,1%), tributos (4,9%) e capital de giro (2,2%).

"O crescimento dos custos no fim do ano retrata a nova situação econômica e deve se intensificar no início de 2015, afetando negativamente a margem de lucro das empresas", avalia o gerente-executivo de Pesquisa e Competitividade da CNI, Renato da Fonseca.

No último trimestre de 2014, os preços dos manufaturados cresceram 1,6%, abaixo do percentual de elevação dos custos, o que sinaliza perda das margens de lucro no trimestre. No entanto, a elevação de 10,2% no preço dos produtos importados ajudou na recuperação da competitividade dos manufaturados nacionais.

Crédito fica mais caro para grande empresa

22/04/2015 – Fonte: GS Notícias

Os bancos aumentaram, de forma rápida e significativa, o custo de crédito das grandes empresas nos primeiros meses do ano. A elevação das taxas de juros em várias modalidades de crédito não se deu apenas por causa do aumento da taxa básica de juros (Selic), promovido pelo Banco Central (BC).

O crédito está ficando mais caro por várias razões. Uma delas, segundo informaram ao Valor executivos de vários bancos, é a percepção de que o risco de calote subiu. As margens de lucro das empresas estão pressionadas graças ao aumento de custos e recuo das vendas. Além disso, fontes tradicionais de dinheiro barato, como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES), tornaram-se mais seletivas e caras.

Assuntos relacionados Crédito bancário fica mais caro para grandes empresas Analistas esperam crescimento de margens Ficou também mais difícil para alguns setores acessar a farta liquidez internacional. Diante desse ambiente mais arriscado e restritivo, os bancos decidiram reajustar as taxas de seus empréstimos.

"O risco aumentou um pouco em algumas companhias porque o mercado ficou mais difícil, mais incerto. Os investimentos estão mais custosos, o dólar impactou balanços e algumas empresas têm dívidas em dólar. Isso aumenta o risco e, quando aumenta o risco, aumenta o spread", disse Alberto Fernandes, vice-presidente do Itaú BBA.

Há um outro fator relevante ajudando a encarecer o crédito: algumas empresas estão rolando suas dívidas por incapacidade de honrá-las neste momento. "O que temos hoje são operações de curtíssimo prazo, às vezes renegociações com empresas que estão muito mal. São operações mais caras", explicou Fernandes.

Segundo o BC, de dezembro a fevereiro, as taxas médias de juros cobradas de pessoa jurídica subiram 1,53 ponto percentual, um reajuste superior ao acumulado em todo o ano de 2014, quando o aumento médio foi de 0,86 ponto percentual.

A alta dos juros nos empréstimos livres respondeu por boa parte da correção feita nos últimos meses, mas o avanço no custo das taxas do crédito direcionado, em proporção bem maior que a do ano passado, também ajudou a encarecer o crédito das grandes companhias.

A cobrança de spreads mais altos nas diversas modalidades de crédito terá um papel importante no resultado dos bancos ao longo deste ano. Para os analistas do Bank of America Merrill Lynch (BofA), há espaço para a margem financeira dos bancos crescer 0,9 ponto percentual neste ano.

Capital e trabalho se unem pela recuperação da indústria

22/04/2015 – Fonte: Usinagem Brasil

Entidades sindicais e de empresários lançaram no início de abril, em São Paulo, a "Coalizão Indústria - Trabalho para a Competitividade e o Desenvolvimento", movimento pela recuperação da indústria da transformação, setor que na década de 1980 respondia por 35% e hoje tem apenas 12% de participação no do PIB. A perda de competitividade é apontada como a principal razão para a queda.

O movimento, que reuniu cerca de duas mil pessoas, apresentou o manifesto "Em Defesa da Indústria e do Emprego". 42 entidades patronais da indústria da transformação de segmentos diversos e quatro Centrais Sindicais de Trabalhadores participaram do movimento, cujo objetivo é apresentar e discutir propostas que viabilizem a retomada da competitividade da indústria nacional.

Segundo os organizadores, as entidades empresariais participantes representam juntas 51% do faturamento e dos empregos diretos gerados pela indústria de transformação estabelecida no Brasil, com geração de mais de 4,5 milhões de empregos diretos.

"Este não é um movimento de oposição a quem quer que seja e não é partidário. É, na verdade, um grande grito de alerta à sociedade e ao governo, um grito de alerta para essa destruição da pátria que está acontecendo neste país", disse Carlos Pastoriza, presidente da Abimaq, em discurso na abertura do ato.

"Somando juros, impostos e esse câmbio, o resultado é a morte da indústria de transformação", afirmou Jorge Gerdau, representante do Instituto Aço Brasil, ressaltando

que a união de empresários e trabalhadores é pela sobrevivência das empresas e dos empregos.

Para Ubiraci Dantas de Oliveira, presidente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), "a desnacionalização e a desindustrialização do nosso país estão aumentando a cada dia que passa. A política atual está matando a nossa indústria e matando os empregos também".

De acordo com as entidades participantes, a crescente queda de competitividade da indústria de transformação brasileira decorre principalmente do fato de que produzir no Brasil custa, em média, de 30% a 40% a mais do que nos principais países concorrentes.

"Cientes das dificuldades do governo de continuar a política de desoneração neste momento, sem prejuízo das necessárias reformas institucionais, a Coalizão Indústria - Trabalho acredita que, mesmo sem renúncias fiscais sensíveis, seja possível reverter expectativas com uma agenda baseada em ações de curto e médio prazo, que objetivem: câmbio competitivo; juros em padrões internacionais; e sistema tributário sem cumulatividade de impostos", diz comunicado distribuído à imprensa.

SP mantém incentivo à produção de máquinas rodoviárias

22/04/2015 – Fonte: Usinagem Brasil

O governo do Estado de São Paulo prorrogou até o final de 2015 a medida que permite aos fabricantes de máquinas e implementos agroindustriais a apropriação de créditos de ICMS para reduzir a carga tributária de 12% para 5%.

O decreto foi assinado nesta quinta-feira, 16, no Palácio dos Bandeirantes e visa preservar a competitividade do setor de bens de capital de São Paulo, face a benefícios similares concedidos por outros Estados do Sul e Sudeste.

De acordo com o governador, Geraldo Alckmin, a medida é importante para as indústrias de máquinas, que promovem o desenvolvimento por meio de abertura de estradas, construção de linhas de Metrô e outras obras importantes para o Estado e o Brasil. "Trata-se de um estímulo e um benefício fiscal em prol do emprego e da geração de renda", explicou.

A medida se aplica às saídas internas e interestaduais de pás carregadeiras de rodas, escavadeiras hidráulicas, retroescavadeiras e motoniveladoras destinadas a usuário final.

Segundo nota do governo estadual, o decreto atende a pleito da Abimaq e se estende, mediante regime especial, aos distribuidores exclusivos dos fabricantes instalados em São Paulo. Por meio do decreto, a redução da carga tributária que havia vencido em 31 de março passa a vigorar até 31 de dezembro de 2015.

A apropriação de crédito de ICMS e consequente redução da carga tributária para a produção de máquinas e implementos agroindustriais preserva a competitividade do setor de bens de capital de São Paulo, face a benefícios similares concedidos por outros Estados do Sul e Sudeste. Além disso, contribui para a manutenção dos níveis de produção e de cerca de 70 mil empregos na indústria paulista.

Balança comercial do Paraná acumula déficit de US\$ 211 milhões

22/04/2015 – Fonte: Bem Paraná

O saldo da balança comercial paranaense (diferença entre as exportações e as importações) acumulou um déficit de US\$ 211 milhões de janeiro a março de 2015. O resultado significa que, em valores, o Estado importou mais do que exportou.

As exportações no período totalizaram US\$ 3,003 bilhões e o total importado chegou US\$ 3,215 bilhões. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC).

De acordo com análise do departamento econômico da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) o déficit em grande parte se deve à diferença de valor entre o que é exportado e o que é importado. É que o Paraná voltou a ser um exportador de matérias-primas enquanto a exportação de produtos manufaturados e semimanufaturados segue em queda.

“Desde 2007 a exportação de manufaturados vem caindo ano a ano”, observa Roberto Zurcher, economista da Fiep. Ele lembra que estes produtos ganharam força na pauta de exportações do Paraná logo após a chegada das montadoras que contribuíram para mudar o perfil exportador do Estado.

Mas, a exportação de manufaturados, que em 2006 chegou a 57,41% do total exportado, em 2014 respondeu por apenas 35,63% de tudo o que o Paraná exportou. No último ano, a exportação de produtos básicos prevaleceu, respondendo por 50,85% da pauta de exportações paranaenses.

“Estamos assistindo a um retrocesso neste cenário, reflexo da falta de incentivo à industrialização e da elevada carga tributária que torna o nosso produto industrializado pouco competitivo no mercado mundial, estimulando cada vez mais a venda de produtos básicos”, comenta Zurcher. Ele cita como exemplo o que acontece no complexo soja, onde exportamos o grão e importamos depois o óleo processado lá fora a partir da nossa matéria-prima.

Produtos e mercados - O complexo soja é o que lidera as exportações do Paraná, respondendo por 25,26% das exportações registradas no primeiro trimestre de 2015. Em seguida vem Carnes, com 18,22% e em terceiro lugar Madeira, com 7,54%.

Entre os importados, a liderança é dos produtos Químicos, que responderam por 19,9%, seguido de Mecânica, com 16,85% e Material de Transporte respondendo por 17,59%.

A China continua a ser o principal parceiro comercial do Paraná, superando a Argentina pelo sétimo ano consecutivo. No primeiro trimestre de 2015, o intercâmbio comercial entre o Paraná e a China chegou a US\$ 1,148 bilhão, sendo US\$ 467 milhões de exportações e US\$ 680 milhões de importações. A Argentina ficou em segundo lugar com intercâmbio comercial de US\$ 441 milhões e os Estados Unidos em terceiro com US\$ 416 milhões negociados.

Hoje, Volvo para produção por duas semanas em Curitiba

22/04/2015 – Fonte: Bem Paraná

Funcionários da Volvo do Brasil, com sede em Curitiba, param a partir de hoje para adequar produção da empresa a realidade do mercado.

A suspensão temporária da linha de produção foi anunciada na semana passada. 1,5 mil trabalhadores do setor de caminhões terão folgas descontadas do banco de horas de 22 de abril a 4 de maio, aproveitando os dois feriados do período, do dia 21 de abril e 1º de maio.

Por conta da queda de 15% nas vendas no primeiro trimestre deste ano, a indústria automobilística, que tem estoques para 46 dias de vendas, tem adotando medidas de corte de produção.

Além da Volvo, a Volkswagen vai parar todas as atividades da fábrica de São Bernardo do Campo (SP) entre os dias 4 e 14 de maio, na sequência do feriado do dia do Trabalho. A empresa produz os modelos Gol, Voyage e recentemente iniciou a montagem do Jetta.

Aproximadamente 13 mil trabalhadores das áreas de produção e administrativa entrarão em férias coletivas, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. A empresa não comentou o assunto.

Neste ano, as montadoras já demitiram 3,6 mil trabalhadores. Em 12 meses, foram fechadas 14.660 vagas. No último dia 6 de abril, um grupo de 1,7 mil funcionários retornou de férias coletivas de 20 dias na Volvo.

Orçamento de 2015 é publicado e governo prepara corte de despesa

22/04/2015 – Fonte: Bem Paraná

A lei orçamentária de 2015 foi publicada no Diário Oficial da União desta quarta-feira (22) com vetos a artigos que estabeleciam a parcela de recursos destinados a auxílio à exportação que deveria ser repassada a cada Estado e ao Distrito Federal.

Na justificativa ao veto, a presidente Dilma Rousseff argumentou que a determinação é inconstitucional e que cabe ao governo federal definir a realização efetiva dos repasses do auxílio. O restante da lei foi sancionado sem modificações.

O governo tem agora 30 dias para publicar um decreto de programação de receitas e despesas para o ano, quando será imposto um bloqueio de gastos para garantir o cumprimento da meta de superavit primário para o ano.

A equipe do ministro Joaquim Levy (Fazenda) defende um corte na casa de R\$ 80 bilhões para atingir a economia de 1,2% do PIB (Produto Interno Bruto) para pagamento de juros da dívida pública neste ano. Outros setores do governo, temendo uma paralisação do Executivo, defendem um corte menor.

FUNDO PARTIDÁRIO Conforme a Folha de S.Paulo antecipou, a presidente não vetou trecho da lei que triplicou os recursos destinados ao fundo partidário.

Em seu projeto original, o governo destinava R\$ 289,5 milhões para o fundo, mas o valor foi elevado para R\$ 867,5 milhões pelo relator do Orçamento no Congresso, senador Romero Jucá (PMDB-RR). Nesta terça-feira (21), no entanto, o vice-presidente Michel Temer disse que parte do gasto pode ser bloqueado ao longo do ano.

Setores de manutenção e venda de usados lucram com a crise em Curitiba

22/04/2015 – Fonte: Bem Paraná

A previsão de inflação passando da meta, cotação do dólar instável, taxa de juros em tendência de alta e queda nas vendas na indústria e comércio. Essa é a previsão, quase unânime, para o cenário econômico de 2015. Mas, na contramão de vários setores que

veem um ano de baixo crescimento, há aqueles que esperam um ano de muito trabalho de crescimento de até 15%. Caso dos segmentos que trabalham com reparação, manutenção, conserto e customização de peças.

“Com o dólar alto e a taxa de juros subindo, a tendência é de que quem quer comprar um carro, neste ano, procure por um seminovo ou usado, elevando a necessidade de manter esse carro em bom estado”, afirma Sandro Cruppeizaki, vice-presidente do Sindicato da Indústria da Reparação de Veículos e Peças do Estado do Paraná (Sindirepa-PR). O setor estima um crescimento de 15% neste ano.

Para o dirigente, o cenário “ruim” também irá proporcionar um aumento da formalização. Atualmente há na Grande Curitiba, 4.500 empresas formais, segundo o cadastro feito junto ao Sindirepa-PR. Um levantamento do sindicato apurou a existência de 10 mil empresas atuando na informalidade.

“Isso vai aumentar a segurança para o consumidor e para o setor também”, diz Cruppeizaki. O dirigente ressalta que, sem a fiscalização, os informais acabam poluindo, deixam de gerar impostos representando uma concorrência desleal.

Já as revendas de seminovos e usados, que devem puxar o crescimento da indústria da reparação, também esperam crescimento, porém um pouco mais modesto. “Esperamos um crescimento de 5% neste ano, frente aos 5% que tivemos no ano passado”, afirma o presidente da Associação dos Revendedores de Veículos do Estado do Paraná (Assovepar), Gilberto Deggerone.

Por ano, 12 milhões de carros mudam de mãos no Brasil. No Paraná, esse número gira em torno de 1 milhão. De acordo com o levantamento da Assovepar, 37% dos carros vendidos têm de 0 a 3 anos, 39% de 4 a 8 anos, 37% de 9 a 12 anos e 41% têm 13 anos. “Para manter esse mercado, é natural que os donos dos carros busquem manter melhor as condições de os veículos”, afirma Deggerone.

Costureira quase não dá conta do serviço

Outros setores que já experimentam um aumento da demanda são os de costura e reformas e consertos de eletrodomésticos. A costureira Debora Oliveira, que mantém um ateliê de costura em uma rua sossegada do bairro Ahu, diz que está tendo de recusar novos clientes. “Eu não sei como as pessoas me descobriram aqui.

Não fiz propaganda e os panfletos que fiz escondi”, conta. Ela revela que quando aparecem novos clientes é obrigada a passar o endereço e telefone de outras colegas, com as quais já trabalhou.

Para atender a demanda dos últimos meses, Debora conta que tem trabalhado todos os dias até as 22 horas de segunda-feira a domingo. “Não trabalho apenas no sábado”, conta. Além de pequenos reparos, como barras e ajustes, Debora também faz roupas sob medida, mas apenas para os clientes mais antigos.

A demanda também tem a crise como parte do motivo. Se der para consertar, porque comprar um novo.

SSAB desenvolve nova marca de aços de alta resistência

22/04/2015 – Fonte: Notícias de Mineração

A SSAB, multinacional sueca fabricante de aços, desenvolveu o Strenx, uma nova marca de aços estruturais de alta resistência, projetado para a indústria de elevação de carga,

movimentação, transporte, agricultura, estruturas de máquinas de grande porte, transporte ferroviário, setores offshore e de construção.

"Para os clientes, este é um produto totalmente original, uma vez que o Strenx agora abrange as três marcas registradas de produtos, Optim, Weldox e Domex, bastante conhecidas da SSAB e da antiga Ruukki.

O Strenx incorpora os nossos mais de 50 anos de experiência no ramo de aços de alta resistência," disse Gregoire Parenty, diretor de desenvolvimento de mercado na SSAB.

Segundo a empresa, o Strenx está disponível em tubos, bobinas e chapas em espessuras que variam de 0,7 mm a 160 mm e os limites de escoamento, que variam de 600 milhões de toneladas por ano (Mtpa) a 1300 Mtpa, tornam este o aço mais resistente do mercado.

"Damos suporte total aos projetistas e aos clientes para ajudá-los a fazer um upgrade para o Strenx. Ao compartilharmos a nossa experiência e amplo conhecimento de aços podemos garantir os melhores resultados para o desempenho do produto final", acrescenta Parenty.

Segundo a SSAB, os clientes poderão, com a nova marca, projetar produtos mais competitivos e sustentáveis, como guindastes com maior alcance, implementos com carga útil maior e caminhões que economizam combustível.

O Strenx conta com a consistência de propriedades garantida, serviços para auxiliar os negócios do cliente e assistência permanente para melhorar o desempenho do produto final, de acordo com a SSAB.

A SSAB possui unidades produtivas nos Estados Unidos, na região nórdica da Europa e participação na usina finlandesa Rautaruukki.

A empresa conta com funcionários em mais de 50 países, está listada na NASDAQ OMX Nordic Exchange de Estocolmo e tem uma listagem secundária na NASDAQ OMX de Helsinque. As informações são da assessoria de imprensa da SSAB.

Ternium pode vender 5,2 Mi de ações da Usiminas

22/04/2015 – Fonte: Notícias de Mineração

A Ternium informou que pode vender 5,2 milhões de ações ordinárias da Usiminas, segundo comunicado enviado na quinta-feira (16). Os títulos foram adquiridos pela empresa, que é uma das controladoras da siderúrgica, em outubro do ano passado.

A decisão de vender os papéis vem após a Comissão de Valores Mobiliários ordenar, na semana passada, que a Usiminas realize uma oferta pública de ações devido ao aumento de participação.

A Ternium, que pertence ao grupo Techint, é uma das controladoras da Usiminas em conjunto com a Nippon Steel. A determinação da CVM foi feita após um pedido apresentado pela Nippon Steel & Sumitomo Corporation e suas afiliadas, que alegaram que no ano passado, a aquisição da Ternium tinha excedido um limite que desencadeia a exigência de oferta pública.

Desde setembro do ano passado, quando três executivos do Conselho de Administração foram demitidos, incluindo o presidente Julian Eguren, Nippon e Ternium vivem publicamente em discussão devido a desavenças sobre a gestão da companhia.

A Ternium disse que vai recorrer da decisão da área técnica da CVM. "A Ternium vai avaliar as suas opções com relação a tal determinação, inclusive levando o assunto ao Conselho de Comissários da CVM", diz o comunicado.

A aquisição das ações da Usiminas pela Ternium no ano passado aumentou a participação da empresa no capital social da siderúrgica em 10%. Os títulos foram comprados da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ), a R\$ 12,00 por ação.

Na semana passada, a CVM solicitou, em carta enviada à Usiminas, que todos os acionistas controladores da empresa sejam notificados sobre a decisão da OPA, para providenciar o protocolo da documentação referente ao pedido de registro da oferta pública de ações no prazo de 60 dias, contados a partir de 14 de abril. A siderúrgica ainda pode recorrer da decisão. Com informações da Bloomberg.

Pico do aço na China não vai derrubar a demanda, diz WSA

22/04/2015 – Fonte: Notícias de Mineração

O diretor-geral da World Steel Association (WSA), Edwin Basson, afirmou nesta segunda-feira (20) que o fato da demanda por aço da China atingir o pico não significa que o consumo do metal no país vai despencar.

O executivo disse que esse pico da demanda por aço está apenas começando e que vai durar algum tempo, de forma que o consumo pelo metal pode voltar a aumentar em 2017.

"Nós estamos no início de um pico plano e muito longo. Por volta dos anos de 2020, nós começamos a ver o início de uma queda [no consumo]", afirmou Basson a repórteres hoje. A associação mundial do aço disse que, apesar da desaceleração da economia chinesa, a demanda por aço do país asiático deve sofrer uma queda de apenas 0,5% em 2015 e em 2016.

A baixa na demanda é menor do que o mercado esperava, pelo fato da China, que responde por cerca de metade da produção mundial de aço, já registrar um excesso de 100 milhões de toneladas métricas por ano.

Em 2015, a produção chinesa de aço deve contrair aproximadamente 1%, para uma estimativa de 814 milhões de toneladas, segundo a China Iron Steel Association (Cisa), a associação de ferro e aço do país asiático.

O Goldman Sachs Group afirmou, na semana passada, que a produção de aço na China pode diminuir 9% de 2014 a 2019, com quedas mais fortes nos anos 2020. O Morgan Stanley projetou que a produção e o uso de aço por parte da China registrarão quedas depois de atingir o pico neste ano.

A produção brasileira de aço bruto em março de 2015 foi de 2,8 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 7,4% se comparada com o mesmo período do ano passado, segundo dados divulgados nesta sexta-feira (17) pelo Instituto Aço Brasil (IABr). Com informações da Bloomberg.

Conheça os mitos e as verdades sobre a Terceirização

22/04/2015 – Fonte: CNI

Abra o Link:

http://arquivos.portaldaindustria.com.br/app/conteudo_18/2013/07/17/4457/20130718094321869556i.pdf

Para mais informações acessem o site da CNI:

<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/canal/terceirizacao-home/>